



IV  
DIABLO  
LORD OF HATRED

# NAS ASAS DO PESADELO



ADREONA



POR  
JONATHAN MABERRY



HISTÓRIA  
JONATHAN MABERRY

ILUSTRAÇÕES  
KIRSEEL

EDITORIAL  
MEGAN WALKER

DESIGN  
SOPHIE ERB

DIREÇÃO DE ARTE  
ALEX CRESWICK

CONSULTORIA DE HISTÓRIA  
IAN LANDA-BEAVERS

CONSULTORIA CRIATIVA  
MATT BURNS, CASSIEL CHADWICK,  
CHLOE FRABONI, ZAVEN HAROUTUNIAN,  
DAVID LOMELI

PRODUÇÃO  
HANNAH MATTISON, BRIANNE MESSINA,  
TAKAYUKI SHIMBO, JT TORREA, TRACY WANG

TRADUÇÃO  
JULIA SPANOPOULOS, CAMILA ASCÊNCIO  
E CESAR PAULICCHI



© 2026 Blizzard Entertainment, Inc. e o logotipo Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA ou em outros países.

Publicado por Blizzard Entertainment.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou artista, ou são usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não tem controle nem assume qualquer responsabilidade por autores, sites de terceiros ou seu conteúdo.



**P**restem atenção no que digo, pois sou a Rainha Oráculo. É meu dever saber o que foi, o que é e o que será.

*Sonhos são portais para a mente adormecida, um lugar sombrio onde janelas fechadas e passagens trancadas não impedem a chegada da verdade.*

*Nos sonhos planejamos e torcemos, idealizamos e acreditamos... e acordamos, acreditando ter solucionado todos os dilemas e descoberto segredos sobre nós mesmos.*

*Ah, como o universo se deleita nesta crença. Como se a melodia de um sonho esperançoso pudesse impor sua vontade à realidade.*

*Mas a verdade não é revelada em sonhos. Não. São nos corredores abandonados dos pesadelos que a verdade aguarda ser encontrada.*

*Mas há um preço.*

*Ah, claro. Um devido preço...*





## ADREONA

**A**dreona passara grande parte da vida abrindo caminho através de uma tempestade de lanças em busca de alívio. Agora, como guerreira e rainha, enfim possuía aquilo que aço e sangue lhe haviam conquistado.

Paz.

Ela caminhava por sua capital, a brisa do mar acariciando-lhe o rosto. As pessoas a viam e paravam, não apenas para se curvar, mas para sorrir em agradecimento por tudo o que ela fizera.

Amavam sua rainha, e ela as amava. Nas tavernas cantavam sobre seu heroísmo, sobre sua coragem. Enquanto caminhava, sentia o peso de sua lança e, não pela primeira vez, o quanto o peso aumentava. O tempo se aproximara sorrateiro. Minguara seu próprio corpo enquanto dava peso à arma que um dia fora como uma varinha de luar em sua mão.

Uma garotinha saiu correndo de uma das barracas do mercado. Ela segurava uma maçã vermelha e madura e suculenta, e a ofereceu a Adreona entre suas duas mãos rosadas.

“Um presente para nossa amada rainha?”, disse ela, tropeçando nas palavras de um jeito encantador.

Adreona se abaixou e aceitou, demorando-se para abençoar a criança, apreciando o orgulho e a alegria da menina quando a rainha deu uma mordida.

Ao caminhar de volta para o palácio, porém, seu coração foi pouco a pouco perdendo a leveza. A cada passo algo mais doía, lembrando-lhe dos muitos tributos que pagara por seu reino. Será que todas as rainhas antes dela sentiam esse peso?

Ela se recolheu cedo, tomou uma poção para dormir e se entregou a um sono profundo, esperando que o descanso empurrasse as dúvidas de volta para seus cantos.



O sono, porém, era uma porta, e ela a atravessou para um lugar mais sombrio.

À distância ouviu sua escudeira chamar seu nome, a voz da oficial experiente carregada de medo. Isso fez a rainha se virar, alarmada.

“O que é?”

“Minha rainha”, gritou a escudeira, gesticulando para a sacada do lado de fora do aposento. “Eles vieram na calada da noite.”

*Eles.*

Adreona apoiou-se no parapeito da sacada e encarou, horrorizada, o que decorava a baía. Velas. Dezenas delas. Não, dezenas não, incontáveis. Velas triangulares pretas, marcadas com o símbolo de uma caveira em chamas.

“Piratas, minha rainha”, murmurou a mulher.

“Não”, disse Adreona. “Não é isso que eles são...”

“O que, então? Eles içam o estandarte da morte. Quais são suas ordens? Devo ir falar com eles? Ou... estão apenas evitando as tempestades? É isso? Querem abrigo em nosso porto até que passe?”

Adreona balançou a cabeça. A indecisão prendeu-lhe a língua.

Se ela estivesse certa sobre aquelas velas, a diplomacia seria inútil. *Dê a isso o nome correto*, disse a si mesma. A verdade sempre fora uma de suas maiores forças. Sem desvios, sem adoçar palavras. Aquelas velas eram *dele*.

A morte entrara em sua baía.

Mesmo sabendo disso, ela não conseguia nomeá-lo. Nem mesmo em seus pensamentos.

Ela se virou e tocou o ombro da capitã. “Feche a cidade. Soe o alarme, mas de forma discreta. Nada de espetáculo, mas quero todas com lanças em mãos. Depressa!”

A escudeira ficou boquiaberta por um instante, depois girou nos calcanhares e saiu correndo, rosnando ordens para suas oficiais.


Ajudantes entraram trazendo a armadura de Adreona, e ela ficou de pé, braços estendidos ao lado do corpo, o rosto firme e severo enquanto cada peça era ajustada e presa. Grevas e manoplas, couraça e elmo. E sua lança.

O poderoso Espinho de Skovos, passado de rainha para rainha. Sangue já correrá por toda a sua extensão, e a própria Adreona usara a arma para matar humanos e monstros, soldados e demônios.


Quando a armadura estava posta, ela avançou para fora do aposento e desceu as escadas em espiral. Suas forças a aguardavam, as lanças reluzindo com uma promessa prateada.

Adreona assentiu para elas.

“Estamos cercadas”, disse. “Este inimigo não concederá misericórdia. Nenhuma. Eles não vieram para conquistar, mas para aniquilar.”



O TEMPO TROPEÇOU E  
DESABOU SOB O PESO DO  
HORROR. DE UM LADO DE UM  
MOMENTO FRAGMENTADO, ELA  
ESTAVA DENTRO DO SALÃO;  
NO MOMENTO SEGUINTE,  
ENCONTRAVA-SE NO CORAÇÃO  
DE UMA BATALHA FERROZ.



Ela fez um gesto, indicando tudo e todos naquela terra.

“A morte veio nos buscar, minhas irmãs”, disse com gravidade. “Mostremos a eles o custo de cada gota de sangue Amazona.”

Eram palavras antigas, usadas em batalhas de um passado distante, mas ela viu como endireitaram as costas de suas lanceiras mais jovens, como acenderam chamas em seus olhos.

Ainda assim, ao erguer sua lança, percebeu pequenos lampejos de dúvida nos rostos de suas capitãs mais antigas. Elas viam como ela lutava contra o peso da arma, como a armadura retardava seus movimentos. Os rostos estavam pálidos, mas forçaram-se à atenção.

Juntas, avançaram para enfrentar o inimigo.

O tempo tropeçou e desabou sob o peso do horror. De um lado de um momento fragmentado, ela estava dentro do salão; no momento seguinte, encontrava-se no coração de uma batalha feroz. Foi rápido, mas Adreona sentia a dor familiar nos membros, aquela que vinha de horas de combate.

Horas.

Seus braços estavam pesados, e embora sua lança estivesse completamente vermelha, ela parecia lenta e desajeitada. Comprida demais. Pesada demais. Até o cabo parecia estranho em sua mão.

Ao seu redor, a batalha rugia com aço e fogo.

E os corpos.

Cadáveres se amontoavam ao redor dela, nenhum inteiro, todos cortados e dilacerados em um pesadelo vermelho. Ela procurou os marinheiros vestidos de preto, com a caveira em chamas em suas armaduras, e havia muitos. Mas havia mais Amazonas entre os mortos do que inimigos.

Muito mais. Suas guerreiras haviam nascido para a batalha, e todas tinham atravessado lagos de sangue. Como podiam cair assim? Aquilo estava errado. Era loucura. E Adreona sentiu seu mundo desmoronar ao redor dela.

O estrondo da batalha a deixou quase surda. Ou talvez seus sentidos estivessem falhando. Sua compreensão também vacilava.

Uma de suas capitãs, uma guerreira experiente, ajoelhava-se no chão, as mãos pressionadas contra uma ferida mortal que atravessava seu ventre. Ela ergueu os olhos para a rainha com uma expressão tão estranha, tão confusa.



“Por quê, minha rainha?” ela implorou. “Por que atacamos?”

“O que...?” perguntou Adreona.

“Eles estavam apenas de passagem.” “Por que nós...?” E, com a pergunta inacabada, a capitã morreu.

Adreona cambaleou para trás e se virou, vendo muitas outras Amazonas estendidas no chão, corpos retalhados em um massacre carmesim.

Então uma sombra caiu sobre Adreona, e a rainha se virou e viu um homem vestido de preto. Em seu peito havia um símbolo, mas agora que estava mais perto, Adreona pôde ver que o que estava bordado ali era um pelicano de asas abertas, voando diante do sol da manhã. Não um assassino a serviço do Ódio, mas um comerciante.

Ele segurava um cimitarra pingando sangue na mão, e seu rosto estava tomado por raiva, dor e confusão.

“Rainha Adreona” disse ele, “por que fez isso? Viemos em paz para oferecer nossos bens e vocês nos emboscaram. Perdeu a razão? Você já foi uma grande rainha... forte, mas justa. Como chegou a isso? A idade lhe roubou o juízo?”

Ela baixou os olhos para a lança em sua mão e gritou, horrorizada. O cabo estava quebrado, a lâmina cheia de marcas, lascada. Mas pior, muito pior, a mão que a segurava estava ressequida e anciã. Uma mão castigada pelo tempo, não a de uma guerreira.

“Viemos em paz”, rosnou o marinheiro, “mas você escolheu a guerra. Então, guerra haverá. Se não há paz aqui, se a guerra é tudo o que você pode oferecer, então *tomaremos* o que precisamos e chamaremos isso de justiça. Você derramou a primeira gota de sangue, mas nós derramaremos a última.”

“Não... Eu...”

“Chega de palavras”, ele rosnou, erguendo a arma. “Você traiu o seu próprio povo ao forçar esta guerra. Cada gota do sangue delas está em suas mãos. E para que todos saibam que Skovos está contaminada pela traição, queimaremos esta cidade até o chão. Varreremos suas ilhas como uma tempestade e apagaremos este mal ao eliminar sua fonte. Você é uma rainha fracassada, fraca e traiçoeira, e nós a apagaremos das páginas da história.”

Adreona cambaleou para trás, tentando erguer sua lança quebrada. Ao seu redor, Amazonas caíam. Mas mesmo enquanto morriam, olhavam para ela com reprovação, com esperanças despedaçadas. Os lábios delas pronunciavam seu nome, mas não mais como um grito de guerra, não mais com amor. Diziam-no como uma maldição. *Ela* havia falhado com todas, e todas morreriam condenando-a.

Sua lança era pesada demais, e mesmo que a tivesse erguido alto o suficiente, faltava-lhe força para aparar aquele golpe. A cimitarra a atingiu e a lançou de volta ao mundo real, aos gritos.

Adreona quase caiu da cama, o coração martelando, a garganta se fechando enquanto tentava respirar.

Ela se virou bruscamente para encarar a janela. A luz do sol atravessava as cortinas agitadas pelo vento. A rainha inclinou a cabeça para escutar.

Nenhum grito. Nenhum choque de espadas contra escudos. Nenhum clamor de morte.

“Um sonho...”, arfou ela ao se virar. “Apenas isso.”

Mas um som a fez erguer o olhar novamente. Ali, no peitoril da janela, com as penas tremulando, estava um corvo. Velho, com penas ralas e olhos que encaravam sua alma. Olhos que pareciam conter em si todos os medos, todos os segredos, todos os fragmentos de profecia de pesadelo.

“Não...”, ela murmurou.

O corvo apenas a encarou com olhos negros de um vácuo sem fim.



**O**bserve, então.

*Ninguém, seja erudito, rainha ou guerreiro, realmente tem posse da própria alma. Ninguém está livre das consequências da sabedoria. Somos todos condenados pelas coisas que fizemos. Todas as escolhas feitas nos guiam em nossas jornadas. Todas as decisões, até aquelas que tomamos com certeza, cortam como uma faca. Nesses cortes se esvaem nossa esperança e nossa pureza. Cada corte abre caminho para a corrupção ocupar nossa carne e nosso sangue.*

*E ainda assim...*

*Algumas mentes são corrompidas mais facilmente. Por bem ou por mal... quem poderia decidir?*

*Eu acordo dos meus próprios sonhos... dos meus próprios pesadelos. Meus olhos se afastam do horror, mas eu ainda o vejo. Eu ainda sei. As palavras escapam dos meus lábios.*

*“Algo está a caminho”, eu digo. E lá fora, nas árvores, mil aves noturnas ecoam temerosas.*

*«Algo terrível... está a caminho...»*

## BIOGRAFIA DO AUTOR

**JONATHAN MABERRY** é um autor de best-sellers do *New York Times*, cinco vezes vencedor do Bram Stoker Award, quatro vezes vencedor do Scribe Award, vencedor do Inkpot Award, autor de mais de cinquenta romances e editor de mais de trinta antologias. Ele também escreve quadrinhos, é poeta, diretor de produção e professor de escrita. Sua série de livros *V-Wars* foi adaptada em uma série original da Netflix; um filme de seu romance *Rot & Ruin* está sendo produzido com a Alcon Entertainment; e seu suspense *Joe Ledger* se tornará uma série de TV de Chad Stahelski, o diretor dos filmes *John Wick*. Jonathan escreve terror, ficção científica, fantasia, aventura, suspense e muito mais. Ele é presidente da International Association of Media Tie-in Writers e editor da *Weird Tales Magazine*. Veja mais em [jonathanmaberry.com](http://jonathanmaberry.com).